

OLHARES DOCENTES

Ler Conceição Evaristo: um ato de resistência na escola básica¹

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva
Professor de Língua Portuguesa da SEDU-ES



É direito do aluno da escola básica ter acesso à conteúdos afro-culturais, como artes e literaturas, não só por constar na Lei 10.639/2003, todavia porque se percebe que é um tema de suma importância para a formação cidadã. Trazemos à tona Freire: “É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado (...)” (FREIRE, 1996, p.39). Percebemos que temáticas como sexualidades não hegemônicas, gênero e questões étnicas ainda incomodam, quando discutidas em sala de aula. E se incomoda, vemos que ainda são necessárias. Defendendo esse olhar crítico diante do ensino básico, que vemos a necessidade ler Conceição Evaristo na escola a fim de instigar diálogos acerca de temas como aqueles

¹ Texto produzido no âmbito do Curso **Introdução à Literatura de Conceição Evaristo**, promovido pela Revista África e Africanidades, durante o primeiro semestre de 2020, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

supracitados, a fim de instigar criticidade de nossos alunos acerca de suas realidades.

“Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação.” (FREIRE, 1996, p. 39), assim, por esse pressuposto de Paulo Freire, percebemos a quão necessária é a inclusão da poética e prosa de Conceição Evaristo. Atualmente, a autora é vista com um pouco mais de frequência na sala de aula em novembro, por causa data referente ao Dia da Consciência Negra. Mas ainda é preciso refletir para além disso: as mulheres escritoras são poucas ‘incorporadas’ ao cânone da literatura, principalmente, quando estas são negras. Visto que escritoras negras como Conceição Evaristo é um ato de resistência, pois faz os estudantes perceberem que “a opressão patriarcal se estabelece ao vincular o corpo mais intimamente às mulheres que aos homens” (BATALINI; FELDMAN, 2017, p. 25).

Além da discussão de gênero e étnica, há, no bojo desses debates, a pungência do estudo da história e da cultura afro-brasileira, trazida pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, mas que, na prática, ainda é preterida pelo currículo escolar.

É necessário trazer os diálogos possíveis nos textos de Conceição Evaristo para a escola, pois “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 1996, p. 40). Por isso, ao ler mulheres negras estamos potencializando a importância da igualdade, a qual temos o dever moral de ensinar pela nossa prática, ao trabalharmos Evaristo é importante pois:

Conceição Evaristo traz à luz o questionamento dessas relações raciais democráticas, cordiais, relativas também ao gênero; narrativas permeadas pela cultura de seus ancestrais, da qual se orgulha, pelos elementos místicos, pelas marcas de oralidade, como ressalta: “minha literatura não é pior nem melhor do que qualquer outra, só nasce de uma experiência diferente da qual eu me orgulho e que não quero camuflar” (Evaristo 2016: s/p) (BATALINI; FELDMAN, 2017, p. 22).

A literatura negra na escola oportuniza uma perspectiva dialógica de ensino de leitura, pois, além de ser uma atividade democrática, discentes e professores podem colocar em pauta observações e apontamentos embasados em suas escrituras. Esse é um trabalho interventivo e colaborativo, porque ocorre a partir das percepções de alunos e professores refletindo em conjunto sobre os textos lidos e as particularidades do dia a dia de sujeitos não hegemônicos – muitas vezes minimizadas ou excluídas.

É muito importante dar voz e vez para aqueles que sempre foram silenciados historicamente pela voz do homem branco. É muito importante e humanizador meninos e meninas negras se sentirem representados diante dos conteúdos curriculares que são dispostos em sala de aula. É muito importante também que a literatura e arte afro sejam evidenciadas nas escolas durante todas as possibilidades e períodos do ano, e que esse exercício docente se torne

comum e para além do dia 20/11 como um ato de resistência social de uma comunidade não hegemônica.

Referências

BATALINI, Marcela Gizeli; FELDMAN Alba Krishna Topan. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários** Volume 33 (nov. 2017) – 1-67.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.